**MATEUS ALELUIA**

O músico, cantor, compositor e pesquisador Mateus Aleluia nasceu e começou sua carreira em Cachoeira, Recôncavo da Bahia, por volta dos anos de 1950. Foi um dos responsáveis pela estruturação artística e ideológica do grupo Os Tincoãs, considerado o primeiro grupo vocal a expressar, a herança musical e linguística africana na história da Música Popular Brasileira. A ligação estreita que estabeleciam com a África tornou-se uma realidade concreta na vida de Mateus e o parceiro Dadinho. Hoje é o último remanescente do grupo.

Em 1962, ingressou no trio Os Tincoãs, então dedicado a um repertório de boleros, em lugar do cantor Erivaldo que desistiu da carreira. Aos poucos o novo trio foi deixando de lado o bolero e passou a dedicar-se a um repertório ligado ao candomblé, ao samba-de-roda e toda musicalidade ligada região do recôncavo. Assim, conquistou o público e alguma visibilidade. Pesquisador de ritmos e das culturas afro-brasileiras, Mateus Aleluia se tornou uma referência fundamental na história da música negra brasileira. Sua religiosidade musical é singular e comovente. As composições são carregadas de poesia e unem a cultura do candomblé a outros cultos de origem africana.

Em 1973, no Rio de Janeiro, lançou o LP “Os Tincoãs”, com suas composições “yansã Mãe Virgem”, “Na Beira do Mar”, “Saudação Aos Orixás”, e “Canto Pra Iemanjá” , todas com Dadinho, e “Capela D’ajuda”, “A Força da Jurema” e “Deixa a Gira Girar”, com Dadinho e Eraldo. No mesmo ano também foi lançado um compacto simples com duas parcerias suas com Dadinho: “Misericórdia” e “Saudação Aos Orixás”. Em 1975, no LP “O Africanto dos Tincoãs”, da RCA Camden, foram incluídas suas composições “Promessa ao Gantois”, “Salmo”, “Homem Nagô”, “Canto e Danço Pra Curar”, “Sereia”, ”Jó”, “Oxóssi Te Chama”, “Anita” e “Ogum Pai”, todas com Dadinho.

Em 1976, foi lançado o compacto simples “Os Tincoãs”, pela gravadora RCA Victor com suas composições “Promessa ao Gantois” e “Anita“, ambas com Dadinho. Em 1977, teve as composições “Atabaque, Chora”, “Canto de Dor”,”Chão da Verdade”, “Romaria”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Arrasta a Cadeira”, “Cordeiro de Nanã    ” e “Acará”, todas com Dadinho, incluídas naquele que seria o último LP do trio Os Toncoãs. Em 1982, sua composição “Ajagunã”, com Dadinho, foi interpretada pelos Tincoãs no festival MPB Shell 82. Em 1986, manteve a dupla com Dadinho e, ainda com o nome de Os Tincoãs, lançou o parceiro o LP “Os Tincoãs – Dadinho e Mateus”, pela gravadora CID e que incluiu as composições “Luanda Ê (Lembrança Feliz”, “Angola Vamos Cantar”, “África Blue”, “Quem Vem Lá”, “Vovó Clementina”, “Rio Qg do Samba”, “Cachoeira – Bahia Lisboa”, “Namíbia” e “Sou Eu Bahia”, todas com Dadinho.

Seu Mateus fez de sua ancestralidade mais do que a reminiscência de uma África perdida no tempo. Com essa bagagem sua mudança para Angola em 1983, leva-o ao encontro com mestres dos mais diversos saberes para desenvolver um trabalho de pesquisa focada na ancestralidade musical pan-africana. Foram cerca de 20 anos morando em território angolano e atuando em projetos culturais e educativos. O grupo “Os Tincoãs” representa a diversidade cultural do Recôncavo, em torno da Baía de Todos os Santos, que também viu nascer nomes como Dona Edith do Prato, Dona Dalva Damiana, Edson Gomes entre outros. E foi no samba de roda e nas músicas sagradas dos terreiros que o grupo se inspirou para criar repertório mesclando as tradições locais com boleros, arranjos vocais e sambas canções.

De volta ao Brasil em 2002, começou pouco a pouco a se reinserir no mercado musical brasileiro. Em 2003, atuou no filme “O milagre do Candeal”, lançado no ano seguinte, no qual contracenou com o ator cubano Bebo Valdez, e interpretou com Carlinhos Brown a música “NZambi Mameto”, vencedora do prêmio Goya como melhor canção. E em 2010, lançou seu primeiro disco solo, o CD “Cinco sentidos”.

Em 2017, produziu o CD “Fogueira Doce”, com participação de seus filhos Mateus Aleluia Filho (voz, trompete, flugel e direção musical) e Fabiana Aleleuia (vocal). No mesmo ano, foi convidado por Xangai para participar de um documentário biográfico, na web-série “Os Cantingueiros”, realizada pela Luz das Artes.

 2018 seguiu em turnê do CD “Fogueira Doce” e no Rio de Janeiro, lançou o livro “Nós, os Tincoãs”, pela produtora Senzala, organizado por Gringo Cardia, com textos de Carlinhos Brown, Martinho da Vila, Criolo e Emicida. O livro traz em anexo três dos principais CD’s do trio remasterizados, “Os Tincoãs” (1973), “O africanto dos Tincoãs” (1975) e “Os Tincoãs” (1977), além de fotos, críticas musicais, matérias de arquivo e biografia dos integrantes.

O cantor, compositor e pesquisador da ancestralidade musical pan-africana Mateus Aleluia, recebeu o título de Doutor Honoris Causa, concedido pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no dia 11 de maio de 2022. Ele é a quinta personalidade de relevantes serviços prestados à sociedade que recebe a honraria concedida pela UFRB. A instituição destacou como mérito a sua trajetória pessoal e profissional pela contribuição aos estudos e divulgação da cultura pan-africana na Bahia, no Brasil, em países africanos e, também, no mundo.

Em suas reflexões, a música foi a primeira linguagem que o homem conheceu. E acrescenta, “nós somos filhos do canto e da dança. Embaixador da Bahia na África, o músico recebeu este ano a Medalha da Ordem 2 de Julho - Libertadores da Bahia, em tributo à expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823, fechando o ciclo da independência brasileira. Seu Mateus lembra que “o 2 de julho é uma luta pela emancipação da liberdade. Então, sobretudo, não tem aprendizado melhor do que isso. [...] É o que eu pretendo ser: livre. Ter liberdade de ação, liberdade de pensamento”.

Atualmente, o trabalho de Mateus Aleluia combina todas as influências recebidas com a maturidade, precisão e propriedade de uma vida dedicada à cultura transatlântica entre a Angola e a Bahia. Nos últimos anos o baiano tem investido em canções nas quais o violão muitas vezes divide a harmonia com o piano e na qual as variações rítmicas dos atabaques se alternam com a percussão erudita e arranjos de metais. Mateus Aleluia canta em um timbre grave e em sua voz de declamador conta processos históricos e histórias do cotidiano, vai e volta de Luanda a Cachoeira e louva orixás e cores. Suas composições já foram gravadas nas vozes de Margareth Menezes, Carlinhos Brown e Thalma de Freitas, João Gilberto, entre outros.

Referências

Brasil de fato. Disponível em: <<https://www.brasildefatodf.com.br/2023/07/07/a-musica-e-o-principio-de-tudo-diz-mateus-aleluia-mestre-da-cultura-afro-brasileira>>

Wikipedia. Disponível <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mateus_Aleluia>>

Correio brazliense. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/07/5109103-mateus-aleleia-referencia-da-musica-negra-brasileira-celebra-80-anos.html>>

Dicionário Cravo Albin da Musica Popular Brasileira. Disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/artista/mateus-aleluia-2/>>

Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/528688-a-ancestralidade-africana-de-mateus-aleluia/>>

Encontroteca. Disponível em: <<https://www.encontroteca.com.br/grupo/mateus-aleluia>>

UFRB. Disponível em: <<https://ufrb.edu.br/portal/component/chronoforms5/?chronoform=ver-evento&id=1676>>